

LEBNER, Ashley. *Redescribing relations: Strathernian conversations on ethnography, knowledge and politics*. New York: Berghahn Books, 2017. 252 p.

Magda dos Santos Ribeiro



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/3098>

ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 31 Janeiro 2019

Paginação: 427-431

ISSN: 0104-7183

Referência eletrónica

Magda dos Santos Ribeiro, « LEBNER, Ashley. *Redescribing relations: Strathernian conversations on ethnography, knowledge and politics*. New York: Berghahn Books, 2017. 252 p. », *Horizontes Antropológicos* [Online], 53 | 2019, posto online no dia 18 maio 2019, consultado o 22 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/3098>

LEBNER, Ashley. *Redescribing relations: Strathernian conversations on ethnography, knowledge and politics.* New York: Berghahn Books, 2017. 252 p.

Magda dos Santos Ribeiro*

*The University of Manchester – Manchester, Reino Unido

Rutherford Fellow

magda.dossantosribeiro@manchester.ac.uk

<https://orcid.org/0000-0003-3322-1363>

Parte da frustração que acompanha a leitura de Marilyn Strathern pode estar relacionada ao seu estilo meta-antropológico e à sua agenda comparativa, tal como conjecturado no volume da *Theory, Culture and Society* dedicado à autora (Street; Copeman, 2014). Não obstante, suas estratégias e técnicas originais, cujo efeito produz diferenciação, analogia, bifurcação e eco, fazem eclodir a maneira como tornamos nossas categorias de análise conhecidas e retidas por nós mesmos. Mas reconhecer que Strathern é uma autora fundamental de sua geração não contempla inteiramente o legado que tem oferecido à antropologia, e embora muito tenha sido escrito sobre a complexidade de sua obra e o alcance de sua influência (Gell, 1999), a intensidade de suas ideias continua reverberando no coração da disciplina.

Marilyn Strathern pode começar um ensaio percorrendo uma vinheta etnográfica, suscitar questões e arriscar-se a respondê-las por meio de outra vinheta, cultivando, assim, um aspecto enigmático de seu objeto ao invés de oferecer ao leitor sua chave. Na antropologia de Strathern a forma compõe o argumento, muito mais no espírito atraente que convida ao envolvimento do que na obrigação de respeitar os termos de um contrato teórico. É precisamente este movimento – o de transformar a forma argumentativa ao atravessar escritos outros – que Ashley Lebner chama de *redescrição* (p. 2). Uma redescrição, com efeito, implica lançar mão de outras relações. Para ler Strathern, sugere de saída, devemos prestar atenção às palavras e às formas, assim como na relação entre elas – as quais compreendem, bem sabemos, importantes distinções (p. 2).

Redescribing relations: Strathernian conversations on ethnography, knowledge and politics, idealizado e organizado por Ashley Lebner, é resultado do empenho de pesquisadores engajados com o trabalho de Strathern, o qual, segundo argumentam, multiplicou nosso senso acerca do que a antropologia é capaz de fazer (p. 3). A versão única de antropologia desvelada por essa autora é construída precisamente em torno do princípio de que devemos manter constantemente – entre nós antropólogos, mas sobretudo entre nossos escritos – uma conversação crítica. A redescrição – uma noção central à obra e delineada por Lebner em trabalhos anteriores (Lebner; Deiringer, 2008-2009) – é longamente explorada com o objetivo de elucidar o projeto intelectual mais amplo de Strathern, colocando em relevo a quantidade impressionante dos temas por ela tratados e que trespassam os domínios do parentesco, gênero, ciência, lei, economia e burocracia (p. 3).

Em particular no Brasil, Strathern tem sido lida, grosso modo, por duas vertentes: a etnologia (enquanto uma melanesista) e os estudos de gênero (em diálogo com a abordagem feminista). Contudo, como sugere Lebner, o projeto de Strathern deve menos ser compreendido pela via de seus eixos temáticos e mais por seu viés metodológico. Tem como característica marcante a torção de ideias e temas, conjugando-os de maneira absolutamente original, onde acopla uma espécie de rejeição às grandes teorias com um objetivo bastante singular – um destino que é, naturalmente, uma tarefa permanente e incansável, já que nenhuma descrição é perfeita ou definitiva (p. 3). Essa é a razão mais elementar pela qual a *redescrição*, em uma palavra, é capaz de capturar sua abordagem antropológica (p. 4).

Lebner, ao erigir a redescrição como síntese do gesto stratherniano, incorpora, mais do que revisita, os argumentos da autora. Os termos empregados e o modo como entrelaça artificios descritivos são exemplos de seus esforços em reformular uma formulação, com atenção persistente à linguagem analítica. Nessa direção, a redescrição stratherniana deve ser entendida principalmente como uma série de relações, definida de maneira mais abrangente como o estabelecimento de conexões e distinções conceituais e interpessoais que sustentam a vida social (p. 3). Lebner enfatiza que para Strathern toda palavra importa: mesmo que as ideias possam ser relacionais, facultar à antropologia a tarefa de criar e cuidar de conceitos é uma proposição muito diferente de “nos relacionarmos com as relações [*using relations*] para revelar as relações [*to uncover relations*]” (p. 3).

A noção de relação, com efeito, é notadamente reconhecida como o epicentro da obra de Strathern, matizada em muitos de seus textos e sob abordagens as mais diversas. Para essa autora há algo único produzido pelas relações. Esse *algo* pode ser um conceito, um tipo de conhecimento, uma prática, uma formulação, uma abstração, uma matéria, ou a combinação desses atributos. A relação instancia as conexões ao mesmo tempo em que produz instâncias para si mesma (Strathern, 2003). Poderíamos chamar a relação de um construto autosimilar ou auto-organizável, uma figura cujo poder organizador não é afetado pela escala (Strathern, 2014). Muito embora Lebner não se dedique propriamente em trazer à tona o modo como a noção de relação orienta os escritos de Strathern, como já fizeram outros autores (Holbraad; Pedersen, 2010; Jiménez, 2004), seu esforço está em demonstrar como a redescrição opera, justamente, por meio de uma série de relações.

Além de dedicar-se longamente à exposição dos principais operadores analíticos strathernianos – dentre eles a própria noção de relação – ela enfatiza como as estratégias de deslocamento, analogia, relações e política estão intimamente implicadas umas nas outras (p. 4). Lebner endereça outras discussões e polêmicas, tal como a defesa do argumento de que o trabalho de Strathern não deve ser assimilado à virada ontológica (p. 23), como vem sendo feito insistentemente (por exemplo, em Holbraad; Pedersen, 2010, 2017).

A obra, assim, busca antes de tudo oferecer entendimentos aprofundados acerca dos escritos e das ideias de Strathern através de uma densa introdução, “Strathern’s redescription of anthropology” (p. 1-37), escrita pela autora do volume, e por meio da seleção e reunião de capítulos escritos por diversos autores, todos inspirados e deliberadamente comprometidos com noções e ideias strathernianas.

Alguns dos textos que compõe a obra são referências já familiares ao leitor brasileiro, tal como a entrevista realizada por Eduardo Viveiros de Castro e Carlos Fausto (1999) (cap. 1) e o texto “Slow motions: comments on a few texts by Marilyn Strathern”, publicado anteriormente no *The Cambridge Journal of Anthropology* (Viveiros de Castro; Goldman; Lebner, 2008-2009) e apresentado nesse volume em sua versão *extended remix*, como a intitularam Viveiros de Castro e Goldman (cap. 7). Os demais textos oferecem capítulos teóricos e/ou etnográficos sob influência das ideias de Marilyn Strathern e tendem a privilegiar o debate metodológico ao mesmo tempo em que auxiliam na compreensão da abordagem stratherniana ao estendê-la para outras arenas etnográficas. É o caso das contribuições de Carol J. Greenhouse (cap. 2), Alberto Corsín Jiménez (cap. 3), Stuart Kirsch (cap. 4); Yael Navaro (cap. 5) e Casper Brrun Jensen e Brit Ross Winthereik (cap. 6).

Não obstante, o tom da obra oblitera qualquer julgo crítico aos métodos strathernianos ou aos seus efeitos analítico-políticos, já que se estatui como uma obra-homenagem. Lebner (p. 25) não deixa de reiterar, em diversas passagens, o quanto a inspiração stratherniana foi transformadora em sua trajetória intelectual e o modo como “seu pensamento pode estimular a antropologia e a reflexão política da maneira mais inesperada.” (p. 25). Consciente das frequentes críticas dirigidas à autora, mas contudo sem retomá-las, Lebner (p. 20) escreve em sua defesa, sobretudo no que se refere à *licença binária* – tema presente também na conclusão, escrita por Sarah Green (p. 205) – e o lugar da política em sua estratégia de redescrição.

O volume é, portanto, dirigido àqueles que se deixam – ou querem deixar-se – afetar pelas (re)descrições de Marilyn Strathern, mas, igualmente, que desejam conhecer a repercussão de sua obra em diferentes pesquisas etnográficas e análises antropológicas.

Referências

GELL, A. Strathernograms, or the semiotics of mixed metaphors. In: GELL, A.; HIRSCH, E. (ed.). *The art of anthropology: essays and diagrams*. Oxford: Berg, 1999. p. 29-75.

HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A. Planet M: the intense abstraction of Marilyn Strathern. *Anthropological Theory*, v. 9, n. 4, p. 371-394, 2010.

HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A. *The ontological turn: an anthropological exposition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

JIMÉNEZ, A. C. *The form of the relation, or anthropology's enchantment with the algebraic imagination*. 2004. Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/98307/1/the%20form%20of%20the%20relation.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2018.

LEBNER, A.; DEIRINGER, S. Editors' note. *The Cambridge Journal of Anthropology*, v. 28, n. 3, p. 1-5, 2008-2009.

STRATHERN, M. Endnote: redescribing society. In: STRATHERN, M. *Commons and borderlands: working papers on interdisciplinarity, accountability and the flow of knowledge*. London: Sean Kingston, 2003. p. 87-102.

STRATHERN, M. Reading relations backwards. *Journal of Royal Anthropological Institute*, v. 20, n. 1, p. 3-19, 2014.

STREET, A.; COPEMAN, J. Social theory after Strathern: an introduction. *Theory, Culture and Society*, v. 31, n. 2-3, p. 7-37, March/May 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; FAUSTO, C. No limite de uma certa linguagem: entrevista com Marilyn Strathern. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 157-175, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; GOLDMAN, M.; LEBNER, A. Slow motions: comments on a few texts by Marilyn Strathern. *The Cambridge Journal of Anthropology*, v. 28, n. 3, p. 23-42, 2008-2009.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.